

GRANDE SERTÃO: VEREDAS - UM CRIPTOGRAMA ALQUÍMICO

A OBRA AO NEGRO DA NOITE DAS VEREDAS MORTAS

FRANCIS UTÉZA - UNIVERSITÉ PAUL-VALÉRY - MONTPELLIER

Em verdade vos digo, que se o grão de trigo que cai na terra não morrer, fica ele só; mas se ele morrer, produz muito fruto.

Evangelho segundo São João, XII, 24.

Escrever é um processo químico; o escritor deve ser um alquimista.

Declaração de Guimarães Rosa à Gunther Lorenz, Gênova, Janeiro de 1965.

Grande Sertão: Veredas - que passaremos a referir com a sigla GSV, correspondendo a paginação à décima quarta edição publicada no Rio de Janeiro por José Olympio em 1980 -, era considerada pelo autor como uma obra essencialmente metafísica, indicando Guimarães Rosa repetidas vezes a Alquimia como chave. Aliás, as ilustrações que Poty executou a partir das indicações do autor podiam muito bem assinalar esta via a quem se desse ao trabalho de tentar interpretá-las. Efetivamente a maioria dessas figuras "cabalísticas"¹ são símbolos alquímicos. Por exemplo, o hexagrama, o Signo Salomão, é a representação da suprema realização, a Pedra Filosofal. O triângulo com a ponta para cima simboliza o Fogo, o da ponta dos alquimistas. Enfim, a lemniscata - o infinito dos matemáticos - que também aparece nestas representações, é uma variante do emblema alquímico da Matéria que se gera e se con

some a si própria numa eterna palingenesia geralmente simbolizada na literatura esotérica pelo Uroboro, a serpente que devora a própria causa². E não será por acaso que o escritor mineiro colocou essa mesma lemniscata em substituição à palavra "FIM", como chave fechando - ou abrindo? - a última página.

Para facilitar a compreensão da nossa análise lembraremos apenas que para os alquimistas, a matéria é composta de três princípios, o Enxofre fixo, o Mercúrio Volátil, e o Sal neutro, que se repartem entre quatro elementos, o Fogo, a Terra, a Água e o Ar, acrescentando que as operações consistem em sucessivas metamorfoses, tanto do próprio adepto como da matéria por ele trabalhada, visando atingir o mais alto grau de realização - a iluminação divina do "artista" concomitante com a transmutação em ouro da matéria. Tais metamorfoses se verificam através de várias etapas, alternando as dissoluções dos elementos condensados e as coagulações dos elementos voláteis para a recomposição da nova unidade, de acordo com a famosa lei formulada com os imperativos latinos **Solve et Coagula**. E é na primeira operação - a **Obra ao Negro** ou **Nigredo** - que, ao mesmo tempo que separa e decompõe a matéria prima, o adepto consegue desagregar o corpo antigo que lhe servia de máscara para o recompor em nível superior. A sua morte iniciática nas trevas segue-se a regeneração pela luz.

Neste estudo, pretendemos demonstrar que a noite das Veredas Mortas, funciona como uma autêntica **Nigredo** ilustrando sob as aparências de um suposto pacto diabólico, a realidade de uma metamorfose cujas raízes, muito mais do que na superficialidade da mitologia católica, se encontram na Tradição Hermética da Alquimia.

PRIMEIRO TEMPO: A SEPARAÇÃO

Zé Bebelo e os seus jagunços fixaram-se há aproximadamente um mês no Valado, nas terras de Seo Habão. Um belo dia no entanto, Riobaldo decide agir sozinho, empurrado por forças misteriosas de origem desconhecida e que ele interpreta como manifestações da sua "coragem". Dirige-se assim a um lugar pretensamente maléfico para ali provocar o Informe, a priori identificado com o Mal, de acordo com os conceitos herdados da cultura ocidental cris

tã que, sem ele perceber, limitam a sua visão.

É noite de São João³, a noite do solstício de Inverno, ou seja o momento em que no hemisfério sul a natureza está sofrendo a maior concentração de forças de morte, exactamente no limiar da fase de crescimento da germinação das energias de vida. Além do mais é sábado, dia de Saturno, emblema alquímico de primeira grandeza que preside a todas as mortes iniciáticas.

O deslocamento para o lugar fatídico é descrito como uma ascensão - e não como uma descida aos infernos:

Subi de lá... Fui surgindo (p.316)

Trata-se com certeza de **Veredas Altas**, como confirmará o próprio Quelemém no fim do livro (p.455) ... Quando o herói atinge o lugar fatal, já não se percebe nada! não há luar, apenas o Cruzeiro se distingue vagamente. Aliás as ditas Veredas garantem apenas um mínimo de elementos "diabólicos" tradicionais - a encruzilhada imprescindível e uma árvore "mal vestida".

Sozinho, na escuridão completa, o protagonista fortifica-se contra o pavor afirmando o seu machismo: Se Satanás comparecer, encontrará com quem falar! No entanto, o narrador frisa bem que o que estava sentindo não tinha nada a ver com o medo físico: tremia sob o efeito do espanto que provoca a aproximação do sagrado, experimentando o "thambos" - ou seja aquela atração - repulsa que o homem sofre em presença de forças sobrenaturais⁴. Assim impedido de qualquer relacionamento visual com o espaço exterior, Riobaldo só comunica com o ambiente esporadicamente, pelo ouvido, reduzindo-se o discurso do narrador a informações sobre a vida interior da personagem:

Nem eu me queria lembrar de pertencências, e mesmo de quase tudo quanto fosse diverso, eu já estava perdido provisório de lembrança; e da primeira razão por qual era que eu tinha comparecido ali. E o que era que eu pensava? Ah acho que **não queria mesmo nada de tanto que eu queria só tudo. Uma coisa, a coisa, esta coisa: eu somente queria era - ficar sendo!** (p.318).

Portanto, depois da percepção do espaço, agora é a do tempo que se perdeu: nem mais memória, quer dizer que se aboliu o passado; nem mais projetos, isto é, não existe futuro. Insistindo no esquecimento total dos motivos que o tinham levado àquele lugar, o

narrador significa que o protagonista se encontrava além das contingências, a caminho de outra realidade: escapando ao tempo linear da terra, o jagunço vivia então na tensão para o Presente, própria da plenitude do Ser, tensão que cristaliza na afirmação de si e se exprime através da fórmula **queria era ficar sendo**. Este desejo traduz a necessidade metafísica de fazer existir o Ser Absoluto, na carne relativa e contingente do indivíduo. **Ficar sendo** é transformar-se no que a gente é, quer dizer atingir dentro de si e conseguir que se manifeste o Divino que cada um leva oculto no âmago⁵.

SEGUNDO TEMPO: DA CONDENSAÇÃO À EXPLOSAÇÃO

Já se iniciou a fase de desagregação, com uma primeira coagulação. Fazendo converger todas as energias para um ponto único, o ser composto solidifica-se:

O **cote** que o frio me apertava por baixo (p.318)

As pernas, em contacto com a terra, ganham a consistência mineral do **cote de amolar** que se substitui à carne.

O caráter excessivo desta tensão solidificadora exige uma compensação suscetível de assegurar a continuidade da circulação dos elementos através do fornecimento de fluidez aérea ou aquática:

não tinha os descansos do ar.

Carecendo o corpo de fluência, a sua coagulação transmite-se ao espírito:

Eu era eu - mais mil vezes - que estava ali querendo, próprio para afrontar relance tão desmarcado. Destes meus olhos esbarrarem num ror de nada.

Em outras palavras, o espírito concentrado no pólo da rigidez suscita o comparecer do pólo oposto, o da dissolução: o máximo de Ser - **eu era mil vezes** -, manifestado ao pé da árvore vertical com pouca folhagem - **estava ali** - exigia naquela imobilidade a manifestação do máximo de Não-Ser - **um ror de nada**. Por isso, surge no imaginário da personagem o fantasma "diabólico" herdado da cultura: o **redemunho** animado pelo Demônio. Investido da universalidade das energias centrípetas, o jagunço chama o Diabo,

representação folclórica da globalidade das energias centrífugas:

Eu queria, eu podia, eu ali ficava. Feito Ele. Nós dois, e tornopio do pé-de-vento - o rô-rô girado mundo a fora, no dobar, funil de final, desses redemoinhos: ... **o diabo, na rua, no meio do redemunho...**

Confrontados, os constituintes do Macrocosmo resolvem a sua oposição radical em complementaridade: - o Não-Ser em potência, fluido, e o Ser, compacto - acabam criando um misto virtual levado pelo rodopio da Unidade Universal.

Esse novo misto no qual reconhecemos a trindade alquímica fundamental - O diabo; Enxofre fixo; o redemunho; Mercúrio volátil; a rua; o Sal em que se realiza a união Enxofre-Mercúrio -, permanece em estado de virtualidade visto que nada se manifesta a não ser a tensão crescente do herói evocada na repetição do pronome **eu**:

Ah - eu, eu, eu! "Deus ou o Demo - para o jagunço Riobaldo!" A pé firmado. Eu esperava, eh! De dentro do resumo, e do mundo em maior aquela: crista eu repuxei, toda, aquela firmeza me revestiu: fôlego de fôlego de fôlego - da mais-força, de maior-coragem. A que vem, tirada a mando, de setenta e setentas distâncias do profundo mesmo da gente.

Não tendo vindo do exterior a dose indispensável de fluidez, é do interior do seu corpo que o jagunço extrai a compensação através do apelo ao sopro profundo - fôlego de fôlego -, também repetido três vezes. No entanto, tal esforço para harmonizar os contrários - energia centrípeta da firmeza e centrífuga do fôlego - acompanha, manifestando-a, a tensão que justamente a natureza atinge nesta hora: no seu âmago, o Microcosmo - **de dentro do resumo** - vibra com o Macrocosmo - **o mundo em maior** - naquela fronteira do Tempo, meia-noite do solstício de Inverno, em que o próprio universo opera a sua conversão, do estado de maior retração para a abertura às forças vitais de regeneração.

Por esse processo, o princípio fixo superior do herói começa a desprender-se do invólucro corporal, no clímax vertical - **aque-la crista** - de um êxtase próximo da levitação, realidade para ele até então desconhecida:

Como era que isso se passou? Naquela estação, eu nem sabia maiores havenças; eu, assim, eu **espantava qualquer pássaro** (p.319).

O jagunço assimila-se aos seres aéreos, enquanto que estes não poderiam reconhecer um semelhante nesse corpo humano deslocando-se no seu elemento.

Nas trevas dessa experiência embriagadora - **eu estava bêbado de meu** - onde as categorias são abolidas numa unidade verbal paradoxal - esta vida é **terrível bonita horrorosamente** -, eis que jorra o apelo à luz:

"Lúcifer" Lúcifer!.." - aí eu bramei, desengulindo.

A esse apelo responde a unidade da noite recomposta numa harmonia perfeita na qual se confundem as múltiplas manifestações do Uno e que o narrador qualifica de **silêncio**. Tal harmonia, embora ainda percebida como exterior, funciona como uma promessa da integração iminente:

O senhor sabe o que o silêncio é? É a gente mesmo, demais.

E a integração efetivamente se realiza depois de um último apelo à luz de cima - **Lúcifer** - e às trevas de baixo - **Satanaz dos meus infernos** -, numa síntese significativa ilustrando o primeiro aforismo da famosa Tabula Smaradigna atribuída ao Trismegisto: **O que está em baixo é como o que está no alto, e o que está no alto é como o que está em baixo.**

Ao clímax vertical coagulador sucede um clímax horizontal onde se diluem as tensões solidificadoras anteriores. Os elementos voláteis entram em jogo:

Fechou o arrocho do assunto. Ao que recebi de volta um adejo, um gozo de agarro, daí uma tranqüilidade, - de pancada. Lembrei dum rio que viesse adentro da casa de meu pai. Arquei o puxo do poder meu (p.319).

Solve et coagula: no clímax de tensão psíquica, imagens aéreas e aquáticas dissolvem finalmente a solidificação mental, e a violência máxima - **fechou o arrocho** - acaba diluída, o vertical curva-se em arco e confunde-se com a horizontal - **arquei o puxo do poder**. A separação da unidade original está consumada. O espírito de Riobaldo, enfim livre da prisão corporal empreende literalmente o vôo para se fundir na totalidade do Ser:

As coisas assim a gente mesmo não pega nem acarba. Cabem é no brilho da noite. Aragem do sagrado. Absolutas estrelas.

No êxtase, verifica-se a hierogamia da luz e da sombra - o **brilho da noite** -, do fixo et do fluido - **absolutas**, cuja raiz etimológica é o próprio verbo **solvere**; **estrelas**, os corpos celestes luminosos condensados na escuridão do vazio. Os limites do inefável são atingidos. Permanece agora na terra apenas um corpo sólido, imóvel, esvaziado de qualquer substância fluidica. Ou seja, em linguagem alquímica: liberado pela energia do seu fogo interno - **fôlego da maior coragem** -, o Enxofre (o Espírito) do composto (de Riobaldo), escapa das prisões de Saturno (o corpo) onde se encontrava em suspensão no Mercúrio (a alma, as forças vitais).

O barranqueiro, ao comentar esta experiência, pode assim, com toda a certeza, afirmar que o Não-Ser respondeu efectivamente ao seu chamamento, raptando aquele que o ia desafiando: agora reintegrado ao Uno indiferenciado, o que antes era o espírito de Riobaldo, flutua latente, germe no seio da noite, fora do tempo e do espaço, na eternidade do Presente:

Aquilo foi um **buracão de tempo** (p.320).

TERCEIRO TEMPO: PUTREFAÇÃO E REGENERAÇÃO

O antigo invólucro corporal permaneceu no entanto no espaço contingente das Veredas Mortas, mudando-se para um lugar mais adequado, logo que recebeu de volta o princípio animador:

Desci, de retorno para a beira dos buritis, aonde o pano d'água. A claridadezinha das estrelas indicava a raso a lisura daquilo. Ali era bebedouro de veados e onças. Curvei, bebi, bebi (p.320).

Esta paisagem simbólica reunindo em torno da matriz aquática, o mineral - o corpo de Riobaldo -, o vegetal - os buritis -, e o animal - veados e onças antagônicas -, é descrita numa formulação condensada evocadora do ambiente do Génesis, quando ainda o espírito divino - a **claridadezinha das estrelas** - era levado sobre as águas. Da superfície dos pântanos exalam-se densos vapores que resultam da decomposição das matérias pútridas enquanto que em sentido inverso descem as neblinas matinais⁶:

Branquejavam aqueles grossos de ar que lubrinam, que corrubiam. Dos marimbus das Veredas Mortas. Garôa da madrugada.

E é nesse ambiente em fermentação que o corpo do jagunço sofre uma nova condensação radical. Essa operação de congelamento faz-se notar pela sede intensa e pela extraordinária sensação de frio -, em total contraste com a temperatura ambiente -, que tentam exprimir dois neologismos: **frior e friagem**. Ali se integra, fixando-se na rigidez cadavérica, numa posição significativa:

Abracei com uma árvore, um pé de breu-branco. Anta por ali tinha rebentado galhos e estrumado.

Fisicamente ligado a uma árvore cujo nome simboliza a união de contrários, e cujas raízes se alimentam na água pantanosa, junto ao solo que os excrementos de um animal acabam de fecundar, o corpo de Riobaldo representa uma alegoria tradicional da morte alquímica⁷.

O protagonista vai encontrar ali condições para se regenerar. Aliás antes de naufragar na inconsciência do sono, o último pensamento do jagunço confirmava-o numa mensagem criptada:

Posso me esconder de mim?

Este verbo **esconder** só tem sentido se considerarmos a sua etimologia; derivado do latim **condere**: colocar junto, **abscondere** significa separar o que está unido.

Além disso, por cima dessas trevas cimérias, a luz começa a tornar-se sensível, nomeadamente pela presença da estrela da manhã - signo alquímico autêntico cujo aparecimento assinada ao adepto que a obra está no bom caminho⁸. Também o cadáver-feto recebe os benefícios do orvalho, outro agente alquímico, intermediário pelo qual à superfície da terra o espírito universal penetra os vegetais⁹. Desta forma uma carga de forças mercuriais dinâmicas insufla um impulso vital suficiente para que possa surgir um homem novo dos restos do antigo.

O complemento necessário será fornecido pelo meio ambiente: o mel, ao mesmo tempo sólido e líquido, alimento por excelência, produzido por um animal a partir da assimilação de substâncias vegetais. Esse mel escorre pelo tronco da árvore à qual se agarrou o jagunço, árvore que curiosamente tem mudado de nome! Já não é um **pé de breu-branco**, mas um **pau-de-vaca** que, ao lado da **abelha branca** - a aratim, cujo mel se espalha no tronco - introduz a va-

ca, outro animal simbólico, também produtor de um líquido nutritivo resultante da digestão dos vegetais. Assim as Veredas Mortas se transformam numa nova Canaã¹⁰.

Os antigos despojos que traziam os estigmas de uma ferida recebida no cerco da Fazenda dos Tucanos e sofriam de estranhas comichões durante a estada no Valado, diluíram-se nos pântanos. Não é um doente que precisa de um cobertor logo ao regressar ao acampamento, mas um recém-nascido, apenas surgido das águas da matriz universal e no qual o trauma do nascimento deixou essa sensação de frio.

Finalmente, no plano psíquico, com toda a evidência, o homem que volta das Veredas Mortas está metamorfoseado. Ele traz consigo o entusiasmo do vencedor a quem nada pode opor-se e que está doravante em condições de assumir a direção do movimento. Em linguagem alquímica diríamos que a estrela dos Magos se ergueu sobre o composto. Terminou o **Nigredo. Lux in Tenebris Lucet**. Eis chegado o tempo da Obra ao Branco.

* * *

Acabamos de comprovar que a Tradição Hermética ocupa no episódio do pretense pacto diabólico um lugar primordial, merecendo uma consideração tanto maior quanto é certo que permite resolver ao mesmo tempo os problemas metafísicos e os "enigmas" suscitados pela estranha linguagem do narrador.

Com efeito as próprias palavras, sob a máscara corporal de um pseudo regionalismo mineiro, encerram o seu Enxofre e o seu Mercúrio. Para atingirmos o sentido integral é preciso dissolvermos e coagularmos, sem nos contentarmos com a aparência manifestada que aprisiona e esconde o real - a **sobre-coisa**.

Ao longo do nosso estudo foi possível constatar o interesse do método, elucidando o que ocultavam vocablos tão banais como o verbo **esconder**, o substantivo **crista**, ou os nomes das árvores lembradas. Mas não se trata apenas de casos isolados. Recoloque-mos, por exemplo, o substantivo **solidão** no seu contexto (p.320):

Meu corpo era que sentia um frio, de si, frior de dentro e de fora no me rigir. Nunca em minha vida eu não tinha sentido a **solidão duma friagem assim**. E se aquele gelado inteiriço não me largasse mais.

A alquimia verbal elucida-nos: referindo-se a um excesso de **con-**densação, a **solidão** tem que se relacionar com o adjetivo **sólido** do qual seria um substantivo derivado com aparência de aumentativo. **Es**te substantivo exprime aqui antes de tudo o máximo de rigidez e secundariamente o facto de estar **só**, fechado nessa densidade.

Vejamos uma outra expressão "poética" misteriosa:

em troca eu cedia, às arras, tudo meu, tudo o mais -
alma e palma e desalma (p.318).

Poderíamos considerar esta fórmula apenas como o desvio do provérbio **sua alma sua palma**. Não seria contudo mais gratificante reconhecer aí a tindade essencial? A alma: o sopro vital, da raiz grega **anemos**, o vento; a palma: o princípio superior, o espírito, a parte divina sob a forma da palma que distingue os eleitos; e enfim o neologismo **desalma**: o corpo, o que está privado de sopro.

Terminaremos com algumas observações relativas à geografia do episódio: é no **Valado**, propriedade de Seô **Habão** - literalmente **den**tro do fosso do senhor que tudo concentra em si - **Habão**, "aumentativo" arquétipo de **Haber** - que **Zê Bebelo** levou sua tropa à **imobili**dade. **Riobaldo** teve que sair daí, elevar-se acima dos marimbus das **Veredas Mortas** até atingir a encruzilhada do Céu e da Terra, pro-jetar-se no seio da Noite, e depois regressar, passando pelos mes-mos marimbus para ali renascer antes de retornar ao fundo do **Vala**do donde tirar os seus companheiros num irresistível ímpeto caris-mático, anulando a lei da gravidade que os tinha cravado ali. Com efeito, as vias da morte - **Veredas Mortas** - constituem alquimica-mente a passagem obrigatória para a vida verdadeira - **Veredas Al**-tas.

Portanto a língua e a metafísica esclarecem-se reciprocamente e isso por intermédio da Alquimia. Sem essa chave toda a simbologia permanece impenetrável, escondida sob uma etiqueta demasiado fácil de "regionalismo" ou de "poesia". O mesmo acontece quanto aos aspectos religiosos de GSV que não se pode de maneira alguma assimilar a um catecismo infantil e moralizador destinado a primi-tivos. De facto, toda a metafísica de GSV se mostra completamente neutra no plano moral. Não que essa perspectiva moral esteja au-sente do discurso do narrador, pelo contrário: obcecado pelo pro-blema do Bem e do Mal, preso ao visgo da sua herança cultural e no

entanto esforçando-se para se desprender desta cristianismo que se pretende **católico** - isto é universal - mas que não deixa de ser sobretudo estreitamente ocidental e moralizador, o velho fazendeiro não cessa de multiplicar as inquietações sem trazer resposta definitiva. Intuitivamente, ele sabe que Deus e o Diabo, o Bem e o Mal, o Belo e o Feio, o Verdadeiro e o Falso, o Alto e o Baixo, são apenas categorias contingentes. Mas como não tem plena consciência disso, o seu discurso nunca oferece nenhuma certeza: no fluxo das informações que o barranqueiro comenta sem que o interlocutor possa discutir, retificar, ajustar, não é fácil para o leitor firmar um juízo. E aí está a marca do gênio do escritor.

Ao tomar a palavra o jagunço arrependido empreende a *Opus Magna* por conta própria. Assim da massa caótica das suas lembranças, ele seleciona uma série de fatos limitados que considera portadores de sentido. Alguns desses fatos podem parecer incompreensíveis, outros contraditórios, outros incoerentes. Para rematar a Obra, o adepto deve combinar incansavelmente, procurar sem pressa inútil, voltar sobre os seus passos orar e perseverar, sobretudo quando reconhece alguns dos signos que as lições dos Antigos ou o contato de um mestre mais experimentado lhe ensinaram a distinguir: **Mira e veja o senhor!** O sertão é do tamanho do mundo, cada um pode encontrar aí o caminho.

NOTAS

- (1) A Cabala Hermética, ou "Língua dos Pássaros" não tem nada a ver com a Kabbala Hebráica. Cf. FULCANELLI, **Les Demeures Philosophales**, Paris, Pauvert, 1979, T. II, pp.62-97.
- (2) **Uroboro**, do grego **oura**; **auda**; **Boros**: que devora. Este signo distintivo da *Opus Magna*, o próprio Riobaldo o imprime na sua pessoa no episódio final do Paredão, ao morder a mão no momento crucial. Ver UTEZA, F. "Grande Sertão: Veredas, l'Apocalypse de João", in QUADRANT, Montpellier, Université Paul-Valéry, 1987, pp.127-158.
- (3) Para a cronologia ver: UTEZA, "Grande Sertão: Veredas, de l'Irrationnel au Sacré", in QUADRANT, 1985, pp.129-168.
- (4) **THAMBOS**: do verbo grego **Thambestai**, este sentimento é definido numa obra da biblioteca de Guimarães Rosa: "Stupeur où l'homme se trouve plongé lorsqu'il entre soudain en contact avec le monde surnaturel, le daimonion." FESTUGIERE, **La Sainteté**, Paris, PUF, 1949, p.3. O **thambos** manifesta-se com a maior dramaticidade em GSV, quando o missionário estrangeiro

ro se ergue no púlpito da igreja de São João Leão, lançando o anatema contra Maria Nutema que acaba de penetrar no templo.

- (5) **Ficar sendo** é o equivalente exato da expressão de Santo Ambrósio que encontramos citada e comentada nos seguintes termos numa obra da biblioteca do nosso autor: "Puisque le verbe est l'univers archétype toutes les créatures sont à leur tour vraies dans la mesure où elles expriment fidèlement ce qu'il a voulu qu'elles eussent en elles de Lui - **Satan**, Paris, Desclée, 1948, p.245. Cf. também: "L'homme devient exactement ce qu'il est de par le décret éternel de la grâce et de par sa volonté la plus profonde." **GUARDINI, Le Seigneur**. Esta passagem é citada por S. FRANK SPERBER - in **Caos e Cosmos**, São Paulo, Duas Cidades, 1976 -, como sublinhada pelo próprio Rosa no exemplar da obra de Guardini que figura também na sua biblioteca.
- (6) Sobre o poder vital dessas águas, ver **BACHELARD, L'Eau et les Rêves**, nomeadamente o capítulo "Les Eaux Composées."
- (7) São inúmeras as gravuras desse tipo, com cadáveres humanos, de cujo ventre surge uma árvore a anunciar a regeneração. Cf. por exemplo, **KLOSSOWSKY DE ROLA, Alchimie**, Paris, Le Seuil, 1974, Gravuras 39 e 40.
- (8) "Le travail de l'art rend manifeste et extérieur ce qui, auparavant, se trouvait diffus dans la masse ténébreuse, grossière et vile du sujet primitif. De l'obscur chaos, il fait jaillir la lumière après l'avoir rassemblée, et cette lumière brille désormais dans les ténèbres, de même qu'une étoile au ciel nocturne." **FULCANELLI, Les Demeures Philosophales**, Paris, Pauvert, 1979, T.II, p.113.
- (9) "L'esprit universel descend des espaces célestes au printemps et y retourne en automne (...) A la superficie de la terre, il s'unit à l'eau pure de la rosée, qui lui sert de véhicule pour le règne végétal." **CANSELIET, E. Les Douze Clefs de la Philosophie**, Paris, Minuit, 1956, p.140. Trata-se da tradução comentada da obra alquímica fundamental de um beneditino alemão do século XV, conhecido com o pseudônimo de Basile Valentin.
- (10) "Se o Senhor nos for propício, ele nos introduzirá nela, e nos entregará uma terra que mana leite e mel." Números, XIV-8. Cf. também Deuteronomio VI-3, XI-9, XXVI-9, XXXI, 20; Josué, V-6; Jeremias, XI-5 e XXXII-22.